

# APRESENTAÇÃO

## Teoria da História

Foi comum para historiadores formados nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do século XXI ouvir e repetir a recomendação sobre os perigos e riscos das teorias, principalmente na História. A sugestão era de que o historiador, na especificidade do seu ofício, deveria deixar as fontes falarem. As teorias atrapalhavam, pois traziam uma carga de perguntas, que seriam anteriores ao contato do historiador com a fonte. As hipóteses foram concebidas como recurso metodológico específico das ciências naturais e os historiadores que insistissem nelas eram aqueles que não conseguiam abandonar a velha História positivista ou apenas precisavam forçar o material empírico a confirmar suas certezas teóricas.

Alguns dentre os mais argutos historiadores dessa nova geração não abdicaram completamente das teorias. Ao contrário, bateram nas portas de outros saberes, como a Antropologia, e foram tirar deles teorias e métodos para a leitura das fontes. Buscavam dar conta de outro pavor das novas gerações de historiadores: as generalizações, a objetividade, as macro-Histórias. Uma certa Antropologia surgiu aos historiadores como um remédio potente contra um suposto mal infligido pela teoria, o silenciamento do sujeito (objeto) histórico. A Antropologia podia fazer o historiador perceber os padrões, rituais e códigos simbólicos de um grupo social naquilo que ele tinha de mais específico, peculiar e característico. Assim pretendiam evitar os anacronismos e as generalizações de conceitos como classes, raça, Estado, política, sempre que as fontes indicassem sua ausência no repertório de significantes de alguns grupos sociais e, ao mesmo tempo, recusavam-se as generalizações teórico-acadêmicas que pretendiam revelar a essência, o real, ou a verdade frente as representações, práticas culturais e modos de interpretação do sujeito da sua própria História. O significante ganhou autonomia perante o signo e o significado, descolou-se e ficou "livre como um pássaro", para lembrar a fina ironia de Marx, ao falar do trabalhador "livre" assalariado em *O Capital*.

Outra "virada" na historiografia teria sido um certo uso da Linguística, que decretava o fim da objetividade e, de roldão, desqualificava as pretensões de qualquer teoria da História. De fato, se a teoria é uma tentativa de organizar em linhas gerais, certos princípios de pesquisa com base em observações da vida social, sofrendo e atualizando-se com as próprias questões históricas de sua época, isso significa que a teoria é tão histórica e social quanto a realidade sobre a qual se debruça. Mas não foi essa a conclusão do giro linguístico, que não admitia a historicidade: para seus arautos, nem o contexto, nem as "questões próprias de sua época", podem ser objetivamente apreendidos: reduziram todo contexto a texto, convertendo toda objetividade em subjetividade. As teorias não poderiam mais ser utilizadas como tais, pois seriam meros dispositivos de saber e poder, inventando incessantemente padrões, racionalizações, enquadramentos e generalizações das experiências que se caracterizariam justamente por serem múltiplas, irracionais, dispersas e fragmentadas.

A História quase retornou aos moldes positivistas da pura e simples narrativa. Os historiadores mais jovens estavam porém algo informados dos cuidados que deveriam tomar com as fontes oficiais, com os grandes nomes, desconfiavam da História vista por cima e da História como repetição enfadonha dos vencedores. Isto é, estavam comprometidos esteticamente com uma nova História (e uma parte só com a História enquanto olhar para o passado, descompromissado com o presente) interessada pelos "de baixo", por novas abordagens, sujeitos e objetos, porém este compromisso estético não foi acompanhado de uma guinada ética. A forma continuou a se revelar conservadora e as conclusões das pesquisas davam mostras dos limites da pura empiria.

A História passou a ser encarada cada vez mais como literatura. Para fazê-la, basta uma dose de boa escrita, recurso a documentos históricos, organização destes documentos de acordo com a sua "invenção" da estória a contar e pronto! Aliás, com essa provocação começa o autor do primeiro texto da revista. Basta isso? Onde fica o método?

Necessário se faz aqui pronunciar, a respeito das viradas linguísticas ou outras, que o contexto histórico no qual se processaram tantas novidades historiográficas foi de intenso ataque ao marxismo, de ascensão histórica de novas (velhas) formas de ataque do capital sobre as organizações políticas dos trabalhadores, de mercantilização da vida humana e de decréscimo de vínculos de solidariedade e identidades entre explorados e subalternizados. Essa mercantilização, que alcança todas as esferas da vida social, não podia deixar de afetar a prática dos